



OS DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE ATIVIDADES INCLUSIVAS: RELATOS DE PIBIDIANOS DE GEOGRAFIA DA UFJF

Liliane Chagas Muzy ¹
Letícia da Silva Oliveira ²
Gilmar Vianella ³
Patrícia Assis da Silva Ribeiro ⁴

RESUMO

O presente estudo enseja discutir sobre os desafios enfrentados por professores de Geografia em formação, ao serem submetidos a pensar em atividades que incluam alunos com deficiência. Nesta perspectiva, o trabalho é norteado pela seguinte questão: Quais são os desafios enfrentados por pibidianos na promoção de atividades inclusivas para alunos com deficiência? Objetiva-se com esse artigo, portanto, identificar esses desafios tanto no ambiente escolar, como no âmbito acadêmico, no que tange a formação inicial de professores. Para tanto, foi realizada uma entrevista semiestruturada com 22 bolsistas do Pibid de Geografia da UFJF. Os dados coletados junto aos bolsistas do PIBID de Geografia, indicaram que as escolas devem possuir uma boa infraestrutura para receber de forma adequada os alunos com deficiência, adotando políticas e práticas que garantam o processo de ensino e aprendizagem a todos os alunos. Os resultados indicaram ainda, a necessidade de a formação inicial trabalhar de forma mais contundente a questão da inclusão, para que os futuros professores sejam capazes de pensar em metodologias e atividades que possam incluir os alunos com deficiência, o que se configura um desafio a ser enfrentado durante a docência.

Palavras-chave: Inclusão, Deficiências, Alunos, Docentes, Dificuldades.

INTRODUÇÃO

A construção deste trabalho se deu através da experiência vivenciada durante a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como foco o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O projeto promove a inserção de estudantes no âmbito escolar para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob a orientação de um docente da licenciatura e de um

¹Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, lilianemuzychagas@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, leticiasilva.oliveira@estudante.ufjf.br ;

³ Professor Supervisor do Pibid da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF - gilvianella@gmail.com;

⁴ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, patricia.assis@ufff.br;



professor supervisor da escola (CAPES 2023). A participação ativa nas aulas de Geografia e a vivência no cotidiano da Escola Municipal União da Betânia, localizada no município de Juiz de Fora, onde acompanhamos turmas com alunos com deficiência, nos instigou a refletir sobre a seguinte questão: Quais são os desafios enfrentados por pibidianos na promoção de atividades inclusivas para alunos com deficiência?

Para responder tal questionamento, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os bolsistas do PIBID de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, a fim de investigar os desafios enfrentados por eles ao pensarem na construção de atividades inclusivas.

É comum, que futuros professores, ainda em sua formação inicial, não possuam conhecimento suficiente para pensar em atividades que promovam a efetiva inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Este trabalho tem como objetivo mostrar quais são os desafios enfrentados por professores em formação, especificamente Bolsistas de Iniciação à Docência, ao ter que pensar em atividades que incluam alunos com deficiência, e como essa situação pode ser revertida para que futuros docentes, possam estar preparados para promover a efetiva inclusão desses alunos, para tanto, foi realizada uma pesquisa semiestruturada com 22 bolsistas do PIBID de Geografia.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi caracterizado como uma pesquisa qualitativa. Quanto ao objetivo, o estudo classificou-se como uma pesquisa exploratória. Para Gil (2009) esse tipo de pesquisa proporciona maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito, construir hipóteses e realizar novos estudos. Para atender ao objetivo, elencado no início do trabalho, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Para Boccato (2006) a pesquisa bibliográfica procura a resolução de um problema através de obras publicadas, a fim de discutir e analisar suas contribuições científicas. A pesquisa bibliográfica irá apresentar subsídios para o conhecimento do tema estudado, com ênfase nas perspectivas em que o tema foi apresentado na literatura científica (BOCCATO, 2006).

Posteriormente, foi realizada uma entrevista projetiva com 22 bolsistas do PIBID de Geografia, a fim de identificar, a partir de seus depoimentos, os desafios enfrentados por eles, ao pensarem o trabalho com os alunos, a partir de uma perspectiva inclusiva. A entrevista foi composta por oito perguntas: 1) Como você acha que deve ser a formação do professor para trabalhar com alunos com deficiência?; 2) Qual o seu planejamento de ensino para trabalhar com alunos com deficiência?; 3) Quais recursos ou apoios adicionais você acredita que seriam

úteis para melhorar a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas?; 4) Quais as principais dificuldades que você enfrenta ao trabalhar com alunos com deficiência em atividades cotidianas da sala de aula?; 5) Na sua opinião qual o significado da palavra Inclusão?; 6) De que forma a sua formação inicial tem te preparado para trabalhar com alunos com deficiência?; 7) Para você, quais os principais desafios da inclusão do aluno com deficiência na escola?; 8) Como a escola pode promover a inclusão?.

Ressaltamos que a identidade dos pibidianos participantes da pesquisa foi preservada, a fim de evitar possíveis transtornos ou constrangimentos e garantir a validade e confiabilidade das informações, atendendo assim aos aspectos éticos da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente quando se fala em inclusão, muitas das vezes algumas pessoas pensam em acessibilidade, como por exemplo, a construção de rampas para cadeirantes. De fato, pensar na acessibilidade desses sujeitos é de fundamental importância, contudo, é importante ressaltar que a inclusão não se trata apenas da promoção de acesso à mobilidade, mas também da inclusão em espaços sociais, inclusive o espaço escolar.

As escolas que buscam promover a inclusão desde a infância, permitem a convivência com as diferenças e o respeito. Ela pode ser compreendida como: Segundo Melo e Coutinho (2020):

[...]um processo onde todos devem se adequar a escola através da inclusão de todos os alunos, independente da vida social de cada criança como: raça, etnia, sexo, situação econômica, deficiência, entre outros, reunidos em um mesmo ambiente para que possam desenvolver suas habilidades e necessidades. O Brasil adota o conceito de inclusão escolar através de uma escola inclusiva e de uma educação inclusiva, ou seja, tanto o edifício quanto a proposta pedagógica devem oferecer a integração de todos os alunos na escola, então o ambiente escolar deve oferecer condições físicas e profissionais para essas crianças deficientes. (MELO; COUTINHO, 2020 p.2)

É preciso que o professor tenha uma formação continuada para que ele esteja preparado e se adeque a essas situações, onde ele consiga trabalhar com todos esses alunos sem discriminação e sem exclusão. Sobre o papel do professor diante da inclusão escolar e a falta de formação adequada, Silva e Arruda (2014, p. 6) afirmam que:

Talvez o que deixe o professor mais preocupado, seja a insegurança em relação à sua inexperiência, já que nos cursos superiores aprendeu apenas a lidar com a teoria e não teve acesso às práticas pedagógicas, diretamente com alunos especiais. No que consiste à educação, o dia a dia da escola e da sala de aula exigem que o professor seja capaz de organizar as situações de aprendizagem considerando a diversidade dos alunos. Essa nova competência implica a organização dos tempos e dos espaços de aprendizagem, dos agrupamentos dos alunos e dos tipos de atividades para eles planejadas.

É importante ressaltar que o professor é considerado um mediador do conhecimento, e de sempre buscar promover um ensino igualitário, respeitando as individualidades de cada aluno.

O professor por mais inclusivo que ele seja ele não consegue incluir o aluno sozinho, a participação de todos é fundamental para um melhor desenvolvimento dentro da comunidade. É necessário tanto a escola como esses centros de apoio possam mudar pensando no que fazer pra quem fazer e como construir uma sociedade inclusiva, usando sua técnica junto com os materiais oferecidos pela escola ou instituição, o professor pode repensar sua prática pedagógica junto com a equipe escolar (SILVA; ARRUDA, 2014 p. 22).

É necessário que a escola busque alternativas educacionais que possam estar mais próximas o possível da realidade do aluno, buscando sempre atender as necessidades dos estudantes em todas as suas áreas de desenvolvimento. É necessário ainda, que haja um diálogo entre a escola e a universidade, para pensar em estratégias de inclusão para o trabalho com alunos com deficiência. A inclusão de alunos com deficiência na educação básica é um direito preconizado nas Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 9394 de 1996, na Lei Brasileira de Inclusão - Lei Nº 13.146 de 2015 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs. Silva e Arruda (2014, p. 23) afirmam que:

Antes de ser deficientes todos são pessoas com sentimentos, que precisam de cuidado afeto e proteção independente da sua deficiência. Todos tem a possibilidade de conviver, interagir, aprender e ser feliz. O seu modo de ser e viver é o que torna o ser único, elas devem ser vistas não como especiais e sim como pessoas com desafios diferentes e que nos ensinam todos os dias.

Contudo, é preciso que as escolas busquem alternativas para que seja possível a inclusão desses alunos no ambiente em que eles estão inseridos, onde eles possam ter acesso a uma educação de qualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a entrevista, os bolsistas destacaram que a formação de professores para lidar com alunos com deficiência deve ser algo mais abrangente e inclusivo, onde inclua conhecimentos teóricos relacionados às diferentes deficiências, estratégias de ensino adaptadas às necessidades específicas dos alunos, bem como habilidades de comunicação e empatia. Além disso, destacam que isso é essencial para que o professor esteja familiarizado com a legislação relacionada aos direitos dos alunos com deficiência e com as melhores práticas de inclusão educacional. Mas como saber se o professor está capacitado para lidar com alunos que possuem deficiência? O Ministério da Educação destaca que:

Dentre as exigências que se colocam para o papel docente destacam-se: orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; responsabilizar-se pelo sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os

alunos; incentivar atividades de enriquecimento curricular; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe. (MEC, 2000 p.5)

Quando questionados sobre como trabalhar com alunos com deficiência, as respostas foram muito similares, uma vez que os pibidianos propõem planejar atividades que buscam atender a todos de maneira igualitária, mesmo cada qual com sua necessidade específica. Muitos se mostraram criativos e empenhados com relação a propostas de atividades que poderiam ser desenvolvidas com esses alunos, como por exemplo, atividades lúdicas, caso tenha algum aluno com deficiência visual teria o uso de materiais em braile ou com ampliação do mesmo para que fique mais visível. Contudo, destacamos que é necessário considerar as realidades e as particularidades de cada aluno na elaboração de atividades, uma vez que uma atividade bem sucedida com uma turma ou um determinado aluno, pode não obter êxito com outra turma ou aluno. Como destacado pelo Ministério da Educação:

Cada necessidade é única e, portanto, cada caso deve ser estudado com muita atenção. A experimentação deve ser muito utilizada, pois permite observar como a ajuda técnica desenvolvida está contemplando as necessidades percebidas. (PORTAL DO MEC, 2002 p. 10).

Em relação à questão sobre o apoio necessário em sala de aula, a resposta que mais apareceu foi "Profissionais capacitados". Vale lembrar que apesar da legislação prever que o aluno possui o direito a um profissional de apoio, nem toda escola possui esse profissional.

A Lei nº 13.146/2015 define como profissional de apoio [...] a pessoa que exerce as atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares, nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas. (BRASIL, 2015)

Dentre as principais dificuldades encontradas para a promoção da inclusão em sala de aula, os bolsistas destacaram a falta de materiais lúdicos e didáticos para serem utilizados, a orientação particular para cada aluno, visto que, alguns demandam mais atenção do que outros, fazendo com que o rendimento da aula seja menor. A respeito da inclusão de alunos em atividades lúdicas, Silva (2020, p. 2) destaca que:

A inclusão da criança em uma atividade lúdica favorece o contato dela consigo mesma e com sua liberdade emocional [...]. O brincar a leva a se expor e torna qualquer outra atividade posterior mais fácil. A recusa a participar de atividades lúdicas pode sinalizar que algo não vai bem com a criança, no campo social e no emocional.

Outro ponto importante que os bolsistas destacaram é a dificuldade na comunicação (dependendo da necessidade educacional do aluno), a atenção dedicada necessita ser muito maior que a dos outros. Sobre a comunicação Paula e Neto (2016, p. 6) afirmam que:

A comunicação em si já é complexa – e nesse quesito, encontram-se também vários desafios – já que para que ela exista devem-se constar algumas particularidades como, por exemplo, a Linguagem – verbal e/ou não verbal –; a Mensagem; a Interação e a Transmissão. Com isso podem acontecer alguns impasses que dificultem que esse mecanismo aconteça de forma eficaz.

Para os bolsistas entrevistados, o significado da palavra inclusão seria o ato de incluir e não excluir, onde a inclusão não seja apenas em incluir o aluno em sala de aula, mas sim de incluí-lo no processo de ensino e aprendizagem que ocorre dentro e fora da sala de aula, levando em consideração as limitações ou desafios que estes possuem, fazendo com que ele se sinta incluído no espaço em que ele se encontra. Para Freire (2008 p. 1.):

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características.

Ao questioná-los sobre sua preparação na universidade para lidar com alunos com deficiência, os bolsistas relatam que não se sentem preparados para lidar com esses alunos, uma vez que na universidade só há contato com disciplinas que te orientam na construção de mapas táteis e a lidar com alunos que possuem deficiência auditiva. Este ponto torna-se negativo, visto que no contexto docente, estamos dispostos a encontrar esse tipo de situação a qualquer momento. Além disso, destacaram que seria importante disciplinas que abordassem mais sobre o tema, onde pudesse ser discutido sobre as diferentes deficiências para que eles pudessem se sentir mais seguros e preparados em poder trabalhar com esses alunos. Sobre o papel da Universidade, Nogaró (2004, p. 6) destaca que:

O elemento fundamental da universidade ou missão primeira deste espaço é oportunizar, dar as condições para que aconteça a formação. Quanto mais exigentes e complexas forem as tarefas que os profissionais forem executar, maior e mais exigente terá que ser a formação recebida. E maior ainda será o desafio formativo da universidade, pois a ela ocorrem diferentes segmentos sociais com diferentes níveis de conhecimento e cultura.

Por mais que a maioria dos bolsistas relataram que na universidade eles não sejam totalmente preparados para lidar com alunos com deficiência, deixam claro que buscariam incluir esses alunos da melhor maneira possível.

Sobre os principais desafios da inclusão de alunos com deficiência na escola, os bolsistas destacaram a falta de respeito dos outros alunos com os alunos com deficiência, a falta de planejamento do Estado, a falta de profissionais qualificados para acompanhar esses alunos, a falta de conhecimentos pelos professores que não possuem um profissional de apoio para auxiliar esses alunos durante suas aulas, a falta de infraestrutura, seja ela física da escola ou tecnológica, e até mesmo o apoio da escola e da família desses alunos. Os problemas apresentados pelos bolsistas vem ao encontro da afirmação realizada por Ignácio (2015, p. 12):

As instituições de ensino tendem a trilhar um caminho que vai à contramão do processo de inclusão, pois está tendo uma influência da sociedade se posiciona como seletiva, pois este ambiente que deveria promover indistintamente uma educação para qualquer aluno com ou sem deficiência, este ainda permanece com uma postura resistente a possíveis mudanças que possibilite um avanço na educação inclusiva.

Ao serem questionados sobre como a escola poderia promover a inclusão, os bolsistas destacaram que a escola já promove a inclusão pelo simples fato dela fazer com que pessoas diferentes entre si possam conviver no mesmo espaço, onde vão aprender e respeitar os limites ou espaços de cada aluno. Além disso, destacaram que é importante que as escolas sejam pensadas estruturalmente para que seja possível a recepção desses alunos, e que elas adotem políticas e práticas que garantam o acesso igualitário a todos os alunos, independentemente de suas diferenças. O que inclui a oferta de recursos de acessibilidade, a adaptação de metodologias de ensino para atender às necessidades individuais, o desenvolvimento de programas de formação para os professores e equipe escolar, a criação de ambientes inclusivos e o estabelecimento de parcerias com a comunidade e famílias para apoiar o processo educacional dos alunos com deficiência.

É importante destacar que:

A inclusão escolar não é um trabalho fácil. Estamos a rediscutir valores e preconceitos que estão enraizados em nossa cultura, mas estamos no caminho para alcançar a inclusão plena, pois é necessária uma reestruturação progressiva e uma transformação do pensar a escola. Para uma sociedade efetivamente democrática, na qual todos tenham uma vida decente, é preciso fazer da inclusão escolar uma realidade. A democracia não pressupõe atender a maioria da sociedade, mas garantir o direito de todos. (NETO et al., 2018 p.11).

Para que uma escola seja considerada inclusiva é necessário que ela garanta a qualidade de ensino a todos os seus alunos, respeitando suas particularidades, seus potenciais e suas limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão não é algo simples, para que ele aconteça desafios como a estrutura física da escola, recursos educacionais, políticas públicas e formação continuada de professores devem ser enfrentados e superados.

Consideramos que apesar da legislação garantir a inclusão dos alunos com deficiência no ambiente escolar, a estrutura oferecida para a efetiva inclusão e permanência desses sujeitos na escola, é precária.

Os dados coletados junto aos bolsistas do PIBID de Geografia, indicaram que as escolas devem possuir uma boa infraestrutura para receber de forma adequada os alunos com deficiência, adotando políticas e práticas que garantam o processo de ensino e aprendizagem a todos os alunos. Os dados indicaram ainda, a necessidade de a formação inicial trabalhar de forma mais contundente a questão da inclusão, para que os futuros professores sejam capazes de pensar em metodologias e atividades que possam incluir os alunos com deficiência, o que se configura um desafio a ser enfrentado durante a docência.

Por fim, cabe destacar que o PIBID possibilita vivenciar na prática, as demandas dos alunos com deficiência, permitindo os bolsistas refletirem sobre os desafios encontrados no espaço escolar e procurar soluções para promover a efetiva inclusão desses alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa concedida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Agradecemos à professora e coordenadora Patrícia Assis da Silva Ribeiro que apoiou nossa ideia e permitiu que compartilhássemos a realidade que estamos vivendo enquanto bolsistas do projeto na escola em que atuamos. Aos bolsistas do PIBID Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, por participarem da entrevista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília - DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 02 de agosto de 2023.

BOCCATO, V.R.C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18 , n. 3, p.265-274, dez 2006.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. *Capes*, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>. Acesso em: 07 de agosto de 2023.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. *Revista da Educação*, Vol. XVI, nº 1, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 03 de agosto de 2023.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.

IGNÁCIO, T. Os desafios da inclusão no ambiente escolar. *UNB*, Brasília-DF, 2015, P. 32. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15533/1/2015_TiagoIgnacio_tcc.pdf> Acesso em: 03 de agosto de 2023.

MEC, Ministério da Educação. Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior. *MEC*, Brasília - DF, Maio de 2000. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf> > 05 de agosto de 2023.

MEC, Ministério da educação. Portal de ajudas técnicas para educação Equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física. Secretaria de Educação Especial, Brasília, DF, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/rec_adaptados.pdf> Acesso em: 02 de agosto de 2023.

MELO, J. S; COUTINHO, D. J. G. Educação Infantil: Métodos e estratégias para inclusão. *Revista Espacios*. v. 41, n. 18. Pág. 10, 2020. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a20v41n18/a20v41n18p04.pdf>>

NOGARO, A. O papel da universidade na formação/de-formação docente. *Anais do IV Simpósio Nacional da Educação*. Frederico Westphalen: URI, 2004. Disponível em: <https://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/271.pdf > Acesso em: 03 de agosto de 2023.

PAULA, I. L. R.; NETO, O. F. P.; A comunicação na transmissão do conhecimento: interação professor e aluno no processo de aprendizagem no ensino superior. Faculdade Católica de Anápolis - GO, 2016. Disponível em: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/biblioteca/wp-content/uploads/2018/03/A-COMUNICA%C3%87%C3%83O-NA-TRANSMISS%C3%83O-DO-CONHECIMENTO-INTERA%C3%87%C3%83O-PROFESSOR-E-ALUNO-NO-PROCESSO-DE-APRENDIZAGEM-NO-ENSINO-SUPERIOR.pdf>> Acesso em: 05 de agosto de 2023.

SILVA, A. P. M.; ARRUDA, A. L. M. M. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. *Revista Eletrônica Saberes da Educação* – Volume 5 – nº 1 – 2014. Disponível em: <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf>

NETO, A. O. S.; ÁVILA, É. G.; SALES, T. R. R.; AMORIM, S. S.; NUNES, A. K. F.; SANTOS, V. M.. Educação inclusiva: uma escola para todos. *Revista Educação Especial*, [S.L.], v. 31, n. 60, p. 81-92, 11 mar. 2018. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24091/pdf>> Acesso em: 02 de agosto de 2023.

SILVA, V. S. D.. O lúdico como recurso metodológico na inclusão de alunos com deficiência intelectual no Ensino Fundamental. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/20/o-ludico-como-recurso-metodologico-na-inclusao-de-alunos-com-deficiencia-intelectual-no-ensino-fundamental>> Acesso em: 02 de agosto de 2023.